

## LEITURAS COM PARTILHADAS, LEITORES MULTIPLICADOS

*Eliana Yunes<sup>1</sup>*

**Resumo:** O artigo propõe uma reflexão em torno à questão da formação de leitores, partindo da experiência de ler-com, ler junto, para a descoberta do sentido da leitura que transforma a vida, a subjetividade, a participação social. Em diálogo com diversos teóricos e pensadores aponta a leitura solidária como antídoto para o desgosto de ler.

**Palavras-chave:** Leitura solidária; Formação de leitores; Mediação; Função da literatura.

Era uma vez... a leitura.

Nos anos 90, quando começamos a falar de leitura como uma prática fundante da subjetividade em construção - permanente -, como um exercício de qualificação da vida social, não encontramos muitos interlocutores, mesmo entre intelectuais absolutamente cômicos do valor da alfabetização funcional. Todo especialista no tema, desde a revolução francesa, pôde rastrear a luta pelo domínio da cultura letrada, entre os povos emergentes do colonialismo; eles sabiam que a educação efetiva seria capaz de alavancar o desenvolvimento social e depois, econômico, com que os estados modernos conquistaram sua relativa autonomia. Contudo, ler significava mais que passar do campo da oralidade para o da escrita, cujo código desvendado abria passagem para o livro e para a comunicação gráfica, que escapara do círculo fechado de reis, profetas e poetas.

Nos anos 80, surgira o conceito de analfabetismo funcional que, no mínimo, assinalava duas questões: o domínio do código não significa que o iniciado tenha efetivamente se apropriado do ato de ler; há pessoas com capacidade de leitura ativa que, no entanto, não lêem. Em ambos os casos, o investimento escolar na formação cultural do cidadão sai arranhado pelo retorno inexpressivo na condução da vida pessoal e na responsabilidade social que a efetiva cidadania traria. A conexão entre uma coisa e outra não parece tão óbvia, à maioria.

---

<sup>1</sup> Profª Drª do Departamento de Letras, da PUC-Rio de Janeiro, Brasil, [eliana.yunes@gmail.com](mailto:eliana.yunes@gmail.com)

À leitura corresponde tal alargamento de mundo, uma ampliação tão potente da linguagem, primeiro lingüística e logo semiótica (pela transposição do modo de construção de significados e sentidos de uma esfera para outra), que ler passa à condição *sine qua non* para partilhar idéias e reflexões que, de alguma maneira, movem o universo humano. Isto, simplesmente porque ao organizar o *discurso* pessoal a partir da *langue* coletiva, o falante começa a exercitar a prática que o faz verdadeiramente humano - a de pensar. Claro que sendo animais racionais temos a ideia - falsa - de que todos pensamos e do mesmo modo, quando, em realidade, pensar pode ser uma prática automática de reagir/responder ao cotidiano com mesmices, sem pessoalidade, sem inventividade, de modo automatizado, sem considerar circunstâncias e contextos, isto é, sem interagir, como se nada lhe dissesse respeito, a menos que toque o bolso ou o estômago.

Entretanto... Ler permite colher, escolher, eleger, todos os verbos de uma mesma raiz. Catar grãos aqui e acolá, para fazer seu próprio alimento, para garantir o seu sustento. Não é uma bonita imagem gerada da etimologia de *legere*? Quem lê cata grãos pelos textos alheios, dizia um sociólogo francês chamado Michel de Certeau. E se a leitura não deixa tantas pistas como a escrita, será muitas vezes porque não registramos *seu feito* em nós.

A leitura é, pois, uma ação que gera energia, reflexão, constituição psíquica e afetiva na pessoa, por lhe oferecer mais que a instrumentalização de um código: a condição de expressão de seu interior na ação comunicativa com o mundo, como assinalou Habermas. Como se ler fosse uma prática vitalizante do pensamento e da linguagem que apura o pensar e o sentir, sem qualquer conotação moral, ainda que considere a ética, de alguma forma, uma linha fronteira da relação com o outro.

A leitura se constituiu desde sempre numa espécie de *upgrade* da interpretação *do estar* no mundo para uma condição *do ser* no mundo. Por isso temos que entender a leitura numa dimensão bastante mais ampla do que a que nos legaram os gregos com a invenção do alfabeto. A leitura precede a escrita, digo eu, como a leitura de mundo precede a da palavra, dizia o mestre Paulo Freire. Não há mesmo possibilidade de sobreviver, desde as intempéries naturais até aos inimigos culturais, sem estratégias de leitura dos acontecimentos. Mas esta sofisticação “natural” está entre os povos ágrafos que leram o tempo e o clima, como lemos, reconhecendo estranhamentos, gestos e atitudes estrangeiros com referência a nosso código de valores. Lemos com o que somos, com as experiências acumuladas e mixadas, com nossos afetos e nossas necessidades se interpondo como filtros.

A estética da recepção, elaborada em 1967 pelo grupo de Konstanz, na Alemanha, H.R.Jauss à frente, fez uma interpretação da permanência viva dos clássicos entre leitores modernos e uma análise das alterações sofridas em sua leitura. Com isto descortinaram que o sentido das obras muda, segundo os tempos e os intérpretes. Os tempos correspondem a mudanças na ordem social, política, econômica e de valores que afetam o significado das práticas culturais que exercem os sujeitos. No tocante aos intérpretes, não se trata de uma figura pessoal, mas das condicionantes que em seu entorno favorecem um tipo de formação, atravessada por variáveis que acabam por constituir uma cadeia de *interpretantes* que se estabelece segundo pontos de vista e contextos, para dar sentido às textualidades diversas de um coletivo social. Por isso, muitas vezes, uma sociedade compreende as coisas de um modo semelhante, à diferença de outra: o que se interpõe como sustento da interpretação, com relação à figura da mulher, por exemplo, entre os povos mulçumanos e os europeus? As variáveis histórico-sociais condicionam a formação dos leitores de um tempo e de um espaço político-cultural.

Sabemos hoje que, além de livro, lemos uma exposição com seus objetos e curadoria, um concerto, uma novela - e não apenas na sua dramaturgia -, um desfile de modas ou de escolas de samba, uma cidade e sua arquitetura, cujo texto subliminar é construído pelo leitor, não como ledor ou espectador passivo, mas como coautor. Isto é também o que acontece com a leitura de um romance, poema ou conto, notícia, informação ou recado: somos coautores, tão responsáveis pela disseminação do seu sentido, como o admitiam os escritores imediatamente pós-Gutenberg, ao terem que zelar pelo risco de “desvios” de sentido do texto impresso e longe do autor, que poderiam comprometer “sua intenção” autoral. Esta vigilância antes exercida à distância pelos paratextos (prefácios, apresentações, posfácios, orelhas etc.) não controlava, nem tem como controlar na atualidade, a produção de sentido de obras de circulação pública, fora de regimes de exceção.

Considerando estas observações como premissas do que seja leitura, hoje, a Cátedra Unesco de Leitura tem trabalhado com determinação na disseminação de práticas leitoras com este paradigma e investido fortemente na consolidação de programas e projetos que enfatizem a formação de mediadores. É bom que se entenda o conceito. De fato, entre textos e leitores, há um conflito de muitas ordens, estranhas à relação direta de ambos, mas não se trata apenas deste tipo de demanda por mediação. Mediadores são os que *estando entre*, como pontes, não criam barreiras, nem impõem um compasso na travessia de mão dupla, mas se expõem em seu

próprio fazer, deixando entrever o modo como opera sua construção de sentido na leitura. Isto fazem ou deveriam fazer os críticos, para não se tornarem opinantes apenas.

*Sou teu Leitor. Estou escrevendo Leitor com letra maiúscula de propósito: acho que ser Leitor é uma ocupação maior e acho também que se um Leitor se liga numa escrita do jeito que eu me ligo nos teus livros é porque existe uma coisa chamada afinidade, é ou não é?*

Este trecho, que está em *Paisagem*, de Lygia Bojunga (p.6), aponta para o cerne da questão na debatida formação do Leitor – é preciso que a descoberta de uma afinidade, portanto de algo, mesmo que estranho e inominado, exista no leitor e que seja provocada pelo texto, vindo à tona como uma descoberta, um susto, um desejo, estabelecendo uma cumplicidade de palavras e sentimentos entre um e outro. O mediador faz as apresentações, aproxima os que estavam distantes sem poder, por conta própria, dar-se a conhecer, como o faz em *O Livro dos Abraços* (p.3), Eduardo Galeano, no conto “A função da arte/1”:

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, o levou para que o descobrisse. Viajaram para o sul. O mar estava mais além das altas dunas, esperando.*

*Quando o menino e seu pai alcançaram por fim aqueles picos de areia, depois de muito caminhar, o mar estava lá diante de seus olhos. E foi tal a imensidão do mar e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo pela formosura.*

*E por fim, quando conseguiu falar, tremendo, balbuciando, pediu ao pai:  
\_ Ajuda-me a ver!*

Eis o papel do mediador: ajudar a ler...

A experiência que atravessa um leitor se torna indelével, embora se modifique com o passar do tempo como uma cicatriz. Estamos falando de experiência, não de vivência no sentido benjaminiano. Lá no texto *O Narrador*, ele faz uma diferença importante entre uma coisa e outra. A primeira implica em *connocere* (*conhecer*), isto é, passar *a ser com* o outro ou outra coisa, portanto tê-la de modo íntimo, no seu interior; a segunda pode resultar numa história que se sabe, um acontecimento que se acompanhou e que está na nossa memória, não necessariamente na nossa “carne”. A partir disso, percebe-se que a função de um mediador, um formador de leitores é a de dar passagem aos afetos e reflexões que a leitura promoveu nele mesmo, para que o outro reconheça que há espaço para sentir e pensar diante de algo novo. Sigamos ainda com Lygia na mesma obra:

*[...] Foi só aí que eu saquei que não é resenha, nem publicidade que espalha o que um escritor escreve, é a gente, Leitor, a gente espalha até sem querer [...] p.85.*

Uma vez atravessado pela experiência que alterou sua percepção de mundo – ainda que em um episódio específico, os ecos se estendem ao conjunto da visão cultural e ideológica que constitui o entendimento básico das coisas –, o leitor sente um irreprimível desejo de comentar, de “avisar” alguém do que se passou com ele diante de uma peça, um filme, um texto, uma paisagem; a “sensação” que se experimentou, pelo horror ou pela alegria, como apontava Aristóteles falando da tragédia, quer abrir passo à comunicação. Esta, por sua vez, em um grupo, numa sala de aula, numa família, começa a tecer uma teia memorável de trocas que redimensionam o mundo. Daí que os círculos de leitura sejam tão cativantes para criar o gosto de ler. E o mediador não será um “sabichão” que intimida com seu poder sabe-tudo, mas um guia, um companheiro de jornada. Lembremos com Winnicott, que abordou a relação entre *os bebês e suas mães*, que estas devem ser *suficientemente* boas, que cuidam, amparam, apoiam; se a mãe for boa às raias da perfeição, não haverá espaço para que o filho aceite desafios e cresça por seu próprio potencial. Mas tudo isto é um aprendizado e demanda tempo, convívio, continuidade.

Quando comecei a escrever para a *Pais&Filhos* uma página de recomendações, já havia modificado, em minha passagem pela direção da FNLIJ, os critérios de classificação dos livros que se usava com base em Piaget, por faixa etária. Mas aprimoramos um pouquinho mais a compreensão que tivera para uma tipologia de leitores em formação. Havia chamado de pré-leitor aquele que não conhecia as letras, mas observei depois que não era coerente com a idéia de que a leitura precede a escrita e de que há mais sistemas a ler do que o gráfico. Um livro de imagens como o de Angela Lago, *Cena de Rua*, pode ser um soco no estômago de um adulto. Somos leitores iniciantes mal abrimos os olhos. Com o exercício se estabelece um processo que cria um leitor recente, com alguma prática de seguir o texto, se ele não for muito longo. Quando ele passa a dominar textos mais complexos, torna-se fluente, capaz das entonações necessárias e da leitura silenciosa. O chamado leitor competente aparece quando ele pode ler e associar sua leitura a de outros textos, tirar algumas inferências. Este é o passo anterior a tornar-se um leitor crítico no sentido mais amplo que podemos dar ao termo, para quem tem ideias a comentar e a replicar sobre o que lê, com juízo e tomada de posição. Mais ainda assim há níveis de criticidade que podem ocorrer desde as primeiras leituras. O mesmo Galeano guarda um primor de registro no mesmo livro (p.28) de uma pequenina que resiste a comer enquanto Onélio Jorge Cardoso, grande escritor cubano, lhe conta uma historieta forjada:

- *Havia uma passarinha que não queria comer a comidinha. A passarinha tinha o biquinho fechadinho, fechadinho e a mãezinha lhe dizia: Você vai ficar anãzinha, passarinha, se não comer a comidinha. Mas a passarinha não fazia caso da mamãezinha e não abria o biquinho...*

*Então a menina o interrompeu opinando:*

*\_ Que passarinha de merdinha!*

Mas é verdade que se começa por ler mecanicamente, frases e textos familiares, que parecem reportar coisas conhecidas, nos quais se pode ter um gosto gratificante de reconhecimento. Mas a cada nova leitura, o radar sensitivo-intelectivo está ligado no rastreamento do novo, do que não se conhece, e o gosto se torna exigente, procurando descobrir algo que não está em seu *acervo* de vida, nem em seu *repertório* de seleções favoritas. Pouco a pouco a capacidade crítica, quer dizer, de discernimento, de separação e rearticulação das coisas, toma lugar e se instala uma visão apurada, perspicaz, de quem percebe subentendidos, reconhece alusões e pode inclusive estabelecer juízos sobre o lido, visto, ouvido.

Há uma passagem muito linda em *Infância*, (p.220 e 222) de Graciliano Ramos, quando, depois do sofrimento miserável com a alfabetização, em casa e na escola, ele descobre a biblioteca de um conterrâneo que lhe franqueia as portas e os livros que vão se revelando uma condição de vida insuspeitada por ele. E é autobiográfico!

*[...] Eu prezava ler, não os compêndios escolares, insossos, mas aventuras, justiça, amor, vinganças, coisas até então desconhecidas. Em falta disso agarrava-me a jornais e almanaques, decifrava as efemérides e anedotas das folhinhas. Esses retalhos me excitavam o desejo que ia se transformando em idéia fixa.[...] E onde conseguir livros?*

*[...] Mais tarde me assombrou o arranço de energia, que em horas de tormento se reproduziu. Como veio semelhante desígnio? De fato, não houve desígnio. Foi uma inexplicável desapareição da timidez, quase desapareição de mim mesmo. Expressei-me claro, exibi os gadanhos limpos, assegurei que não dobraria as folhas, não as estragara com saliva, Jerônimo (Barreto) abriu a estante, entregou-me sorrindo *O Guarani*, convidou-me a voltar, franqueou-me as coleções todas.*

A leitura pode transformar a vida, tanto de gente que chegou à condição de escritor, como nosso romancista alagoano que aos 14 não conseguia ler, quanto de gente que virou *rapper* a partir de um livro encontrado no lixo, sem capa, e ler tornou-se uma aventura jamais interrompida pelo neoleitor. Era um clássico de Lobato. O vídeo está no You Tube e, como *Reinaldo do Morro do Alemão*, ele tem opinião sobre a escola e sobre as políticas públicas para a educação!

Obras clássicas são aquelas pelas quais o tempo passa e elas permanecem novas, nunca saem da “classe”, ou como dizia Ítalo Calvino, um dos maiores escritores do século XX, **“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.”**

Procuro recordar-me da minha própria história de leitora em formação, para dizer que ninguém nasce leitor acabado, como se houvesse na programação genética algo determinado. A leitura é uma prática cultural que se adquire e enriquece na interação com os outros e com o mundo. O que posso reconstituir hoje, da minha descoberta da leitura como divisor de águas na vida, vem da infância, aquela mesma da qual Drummond dizia lembrar-se em seu poema *Infância* e que lhe pareceu mais tarde como se a sua *“história [fosse] mais bonita que a de Robinson Crusóé.”*

Um dia me dei conta de que pensar e sentir a literatura era pouco e que deveria me tornar “pescadora de leitores”. Foi assim que me envolvi com a Fundação Nacional do Livro Infantil, ao lado de Glória Pondé, na Fundação Biblioteca Nacional com Affonso Romano de Sant’Anna, na Cátedra Unesco de Leira com Luiz Antonio Coelho, Tania Dauster e Ricardo Oiticica, entre outros, motivada por Monteiro Lobato.

É no que estamos, hoje, os envolvidos como mediadores na formação de agentes de leitura. Que bela ideia a de formar formadores que multiplicarão leitores, não por técnicas e teorias – que subjazem a todo fazer – mas pela experiência de ser, de fazer-se leitor. Este movimento de corpo a corpo, olho no olho, já experimentavam os contadores de histórias, capazes de apaixonar pela palavra não-leitores e incitá-los a buscar até a alfabetização, como D. Silvina de Itapetinga, registrada lindamente por Maria Helena Martins, no seu livrinho (porque mínimo) indispensável, *Os Enigmas da Leitura*, que cabe no bolso ou na bolsa de qualquer um de nós.

Esta metodologia do ler-com-o-outro ou ler-para-o-outro não perdeu sua força e validade porque a força da palavra oral carrega uma credibilidade que na escrita foi vencida pelo distanciamento. O mesmo Walter Benjamin, já aludido, mostra, naquele texto, que o narrador sedentário trazia as histórias da tradição e encontrava escuta atenta, enquanto o viajante estava associado ao maravilhamento, ao fantástico e, por isso, menos confiável. Com o tempo, passou a valer o escrito e a palavra dos livros tornou-se sagrada, de modo que o poder do impresso deslocou duplamente o leitor: ele não conhecia o código e ficou sem acesso imediato às letras, sendo o mediador nem sempre fidedigno; sem recursos para pensar e replicar, a palavra escrita tornou-se lei.

A caminho de uma sociedade reconhecidamente plural, diversa, sabe-se que o aporte dos muitos segmentos culturais que constituem o povo brasileiro é grande, embora permaneçam restritos localmente, com pouca circulação. Os muitos gêneros, os diferentes suportes, as distintas linguagens e narratividades em curso precisam ser reconhecidas como obras e discursos de comunicação a que todos os brasileiros precisam aceder para se tornarem cidadãos, isto é, indivíduos que podem e devem intervir na qualidade da *civitas*, da *polis*. O trabalho é árduo, pois nenhuma alfabetização se consuma sem a prática continuada e interativa da leitura, ponto justamente fragilizado no processo escolar com muitos conteúdos desajustados e inócuos e pouca motivação e aplicação na vida cotidiana.

Se é tão simples, por que não o implementamos? Porque cada professor, que é um mediador, precisa estar bastante seguro de seu fazer, elegendo ele os meios e caminhos para uma viagem à (com)vivência dos alunos. Contudo, quando os mediadores não praticam o que pregam – é concebível um não-crente convencer alguém da existência de Deus? – fica inconsistente e incoerente a ação em favor da leitura. Quantos há que não leram o livro que pedem aos alunos para ler? Como vão aproveitar e discutir o tesouro das experiências que eles mesmos não tiveram? Muitas vezes o sentido de um livro precisa ser desbravado por conta da época em que foi escrito, como uma picada que se abre na mata para chegar-se à fonte. Falar do contexto, do prólogo deixado pelo autor, das intertextualidades de uma obra, alarga o horizonte da recepção. O tema precisa de fundo, dirá com mais amplo sentido W. Iser, discípulo de Jauss.

Os aprendizes precisam do acesso aos tesouros da história e da cultura para tomar em suas mãos a matéria prima e fazer suas próprias obras, como disse Hanna Arendt, a filósofa alemã que se estarreceu com a obediência cega que pode gerar monstros não acrílicos. A primeira grande tarefa é a motivação para a descoberta do mundo e do gosto e graça do saber. A publicidade - isenta de impostos - tem suscitado o gosto pelo consumo de insignificâncias que correspondem a status ilusório, mas cuja aparência compensa a realidade de baixa autoestima. Esta depende muito dos mediadores. A segunda, o acesso aos livros e materiais para ler além das letras, o próprio projeto provê. Mas o que fazer da leitura?

Temos que escutar a reflexão sincera de Roland Barthes, professor de literatura e semiologia na maior universidade francesa, que nos apontou a literatura como uma NÃO-disciplina, em que não caberiam matéria e provas; ao contrário, ela é uma indisciplina que corre por conta da liberdade de associar, de repensar, de ter opinião, de concordar e discordar,

porque o que ela quer é gerar uma autonomia mínima no pensar e agir do leitor. Não é teoria, não é história, não é crítica (coisa para quem optou por Letras, na universidade); é uma experiência que leva à reflexão sobre as situações, as personagens, colocando-os face a face com quem lê com uma pergunta inaudível: e eu, o que faria? Entra em cena a subjetividade que se vai criando na alteridade, na interação. Este conceito, complexo, com muitas variantes segundo as epistemes e as disciplinas, foi tratado por Felix Guatarri com especial atenção, mostrando o risco de se viver a subjetivação pela força do sistema e da massificação. A subjetividade, construída no exercício do conhecer, eleger, pensar e agir, constitui-se na interação com os outros (daí a noção de intersubjetividade), pois acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro. Nesse caso, tais efeitos difundem-se por meio de múltiplos componentes de subjetividade que estão em circulação no campo social. Por isso mesmo, esse autor complementa sua análise dizendo que a “subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social.”.

Uma prática que o Proler desenvolveu, a dos círculos de leitura, com um leitor-guia, foi bastante fundamentada e comprovada pelo país afora nas últimas décadas, para ajudar a dar voz aos pensamentos que tomam corpo diante de uma leitura compartilhada. Mesmo leitores que não perderam o laço com o livro, com o cinema, gostam de estar reunidos para ler/ver e trocar ideias sobre obras de horror, de cavalaria, de biografias, entre outros gêneros. Alguém lê em voz alta, depois que todos leram uma vez silenciosamente, e começam as inflexões de voz e as pausas que vão devolvendo à letra morta seu sopro de vida. A palavra dança nos ouvidos, as memórias assomam, as entrelinhas crescem e o imaginário desperta. Com a vantagem que não dá o contador, de poder interromper, comentar... A leitura compartilhada nunca vai desaparecer, mesmo para quem lê aparentemente sozinho no recôndito escolhido: ele lê com muitos outros (livros, autores, filmes, obras, leituras...) que lhe fizeram caminhar até uma prática autônoma de ler. Um artigo na *Leitura: Teoria e Práticas* detalhava o exercício e o fundamentava. Tudo isto nos serve de referência para as práticas que vamos encetar com agentes formadores de agentes.

Há um acervo variado e disponível de obras, para através dele abrir-se um passo em direção a uma apropriação voluntária e fascinada, de qualidade por parte dos agentes e que venha a se organizar num repertório pessoal de leituras inesquecíveis. Estas que temos gosto de ler e de contar para os outros. Como uma história puxa outra, desde que o mundo é relato, uma rede de leituras pode ser tecida pela comunidade ouvinte e logo leitora das obras que lhe chegarem. Porque o acesso direto e fácil aos livros ainda é problema entre nós. As bibliotecas

públicas, as escolares, as comunitárias e populares, quando têm acervos, raramente são cativantes e igualmente raro é estarem abertas nos dias e horas em que a população pode desfrutá-la. Há honrosas exceções e não é possível deixar de mencionar a Biblioteca Estadual do Acre, em Rio Branco, colocada no centro da praça, de capricho arquitetônico, acervo atualizado, aberta até muito tarde aos transeuntes e internautas. Ela mesma é um convite para a leitura.

Agora imagine a praça, a rua, a casa cheia de ouvintes ávidos nos horários de atuação de Agentes de Leitura. É preciso saber conduzir os encontros, cedendo a palavra, coordenando as intervenções, controlando o autoritarismo: os capacitadores dos jovens carecem de fazer com os jovens aprendizes o que eles farão com as famílias e comunidades, com as escolas e bibliotecas. Eles vão crescer como pessoas e profissionais – aliás, esta condição de agente social, de saúde, de leitura, de meio ambiente, por exemplo, bem poderia tornar-se uma opção na profissionalização do 2º grau. O ensino médio estadual não se habilita a programar algo assim, nas opções de profissionalização?

Por outro lado é saudável trazer uma observação importante para o campo da leitura: embora a escola no século precedente tenha optado por valorizar a ciência e o raciocínio lógico - e tenha entrado em crise -, não se percebe claramente a vinculação das matemáticas e mesmo das tecnologias com o pensamento criativo, o poder imaginativo aberto pela leitura de ficção. A leitura tem aparecido nas revistas de ciência, física e biologia como o exercício por excelência da “musculatura” cerebral, constituída pela rede de conexões cerebrais, aos trilhões, que pode combater doenças neurológicas tão comumente identificadas nos tempos atuais.

As notas baixas do país na avaliação internacional (PISA) do ensino básico são, não por acaso, em leitura, história e ciências – todas dependentes da fabulação e do pensamento associativo e mais adiante dedutivo e crítico. O espaço para a intuição, para as emoções, integra a área da sensibilidade que fica relegada à menoridade, como se o homem adulto usasse apenas e seguramente a razão. Quantas explosões de ódio não arrastam milhares de pessoas ao infortúnio e queremos considerar que a educação dos afetos não deva fazer parte de um projeto cultural de cidadania?

Pensemos que o melhor de sociedade democrática que o Ocidente conheceu – apesar de excluir mulheres, jovens e estrangeiros da condição cidadã – esteve entre os gregos, que foram educados pelas tragédias de Sófocles, Ésquilo, Eurípedes, bem como pelas narrativas

de Homero, pelas comédias de Aristófanes, muito antes que Sócrates, Platão e Aristóteles escrevessem sobre filosofia, poética e política. Como os gregos, que entenderam a própria história entrando na pele de personagens, a literatura levada a termo e não apenas passatempo, como ensaio de múltiplas vidas, humaniza no sentido literal, qualifica a condição humana.

A leitura não é deciframento e mesmo o que dizemos que “está nas entrelinhas” é um significante, cuja potência de significar depende da construção e associações do leitor e nem sempre estiveram na cabeça do autor. Não se trata necessariamente de um jogo de ocultamento em que o criador brinca de gato-e-rato com o receptor: algumas coisas estão subentendidas, outras são aludidas, outras intertextuais, outras ainda simbólicas, mas tudo isto pode ser identificado na bagagem cultural que o leitor vai compondo.

Escutemos Alberto Caieiro, heterônimo de Pessoa:

*O meu olhar é nítido como um girassol.  
Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda  
E de vez em quando, olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu havia visto  
E sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do mundo.*

A tarefa última do mediador-capacitador é, enfim, abrir o banquete da leitura a jovens que, se não fizerem muito mais - o que é praticamente impossível depois de convertidos à ficção - o fato de terem-se tornado leitores é um ganho extraordinário para o fomento à leitura no país. Quem se puser a caminho não olhará para trás, senão para recuperar sabores experimentados antes e que podem dar tempero às leituras novas.

Um livro, diz Merleau-Ponty é “*uma máquina infernal de produzir significações*”. E comentando-o, Marilena Chauí, filósofa da USP, complementa:

*“Começamos a lê-lo preguiçosamente, meio distraídos. De repente, algumas palavras nos despertam, como que nos queimam, o livro já não nos deixa indiferentes, passamos realmente a lê-lo. Que se passa? A passagem da linguagem falada - a que possuímos em comum com o escritor - à linguagem falante, uma certa operação com os signos e a significação, uma certa torção nas palavras, um ligeiro descentramento do sentido instituído e a explosão de sentido novo que “nos pega”.”*

Esta passagem do instituído ao instituinte, “transfiguração do existente em uma nova realidade” é, no dizer do filósofo Castoriadis, o poder da arte de instaurar o novo onde havia apenas o ordinário.

*“Quando abro a cada manhã a janela de meu quarto  
É como se abrisse o mesmo livro  
Numa página nova...”*

Parodiando o poeta, eu diria que a função do mediador é o avesso do poema de Mário Quintana, algo assim:

*quando abro um livro a cada dia  
é como se abrisse a mesma janela de meu quarto,  
para uma paisagem inteiramente nova.*

Uma cadeira criada há quinze anos na UERJ e na PUC-Rio se propôs como disciplina optativa para todos os universitários: *A Formação do Leitor*, cuja avaliação deveria ser examinada à luz de ganhos em outras disciplinas. Qual o programa? Uma linha invisível costura uma corrente de textos curtos, para serem lidos e discutidos em uma aula. Ali o processo da descoberta da linguagem, de seu poder e usos, de seu tratamento e interações, até redesenhar o mundo em ficção para entendê-lo em suas verdades. Ler para excitar e agilizar o pensamento em relação à humanidade que subjaz a qualquer coisa que façamos ou escolhamos para dar sentido à vida e que compõe os saberes que elegemos. Lê-se literatura e outras linguagens como forma de tomar a palavra e poder dizê-la de viva voz ou tomando de empréstimo o que a ficção disponibiliza.

Este exercício de trocas e convívio com a palavra reinstala o mundo e nele o sujeito. Esta tarefa humanizadora está posta em nossas mãos, olhos, bocas, ouvidos, sensibilidade e razão, para que ninguém fique excluído deste reino misterioso da palavra, no qual viramos gente!

### **Referências:**

Bojunga, Lygia. *Paisagem*. Rio: Agir, 1992.

Barthes, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1977.

- Benjamim, W. *O Narrador*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197 – 221.
- Calvino, I. *Porque ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- Castoriadis, C. *A Instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- Certeau, Michel. *Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1982
- Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio: Paz e Terra, 1970.
- Galeano, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2005.
- Guatarri, F. & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1966.
- Habermas, J. *Consciência Moral e Agir comunicativo*. Rio: Tempo Brasileiro, 1989.
- Iser, W. *El acto de ler*. Madrid: Taurus, 1987.
- Jauss, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- Lago, Angela. *Cena de Rua*. Belo Horizonte: RHJ Editora, 1994.
- Martins, Maria Helena. *Enigmas da Leitura; lendo com analfabetos e iletrados*. Porto Alegre, Território das Artes. Col. Minibuks, 2010.
- Merleau-Ponty, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- Pessoa, Fernando. *Obra Completa*. Rio: Nova Aguilar, 1960.
- Ramos, Graciliano. *Infância*. Rio: José Olympio, 1945.
- Winnicott, Donald W. *A criança e seu mundo*. Rio: Zahar, 1985
- Yunes, Eliana. *Círculos de Leitura: teorizando a prática*. In: *Revista Leitura: Teoria e Prática* - Nº 33. Campinas/SP: ALB, 1999. p. 17 – 21.